

HISTÓRIA DA MELANCOLIA

Marcílio França Castro¹

Eles já sentiam falta – os primeiros escribas. Uma onda sobe por dentro, amarga, e logo toma o peito até a garganta, como um rio seco. Isso se dava sempre que faziam o seu trabalho, quando tinham que registrar alguma coisa na pedra ou no papiro. Século 6 a.C. Andrón, filho de Antífonos, fazedor de dedicatórias e epítáfios, transcreve um canto de Homero. Completa um verso, confere a linha, e logo sente um aperto, um mal-estar, como se sua mão roubasse o som natural das palavras. A voz do bardo, a voz que todos se acostumaram a ouvir, desaparece na ponta dos seus dedos, aprisionada pela escrita. Na sua cabeça, reverbera um eco sem vida. Andrón escreve – sente-se como um homicida.

Séculos depois, nos mosteiros, o trabalho de Andrón continua. Já tinham trocado o papiro pelo couro, manipulavam o códice; amavam a tinta do lápis-lazúli. Otlo, monge da abadia de Tegernsee, não conhece a *Ilíada* – copia salmos e um livro de horas, um livro que ele próprio copiou de outro livro, importado de uma biblioteca distante. Otlo passa a tarde concentrado, retido em sua cela, com a pena em punho. Desenha a asa de um anjo, uma tigela de ameixas, uma cabeça de serpente. Penitencia-se, copia mais. Otlo sonha com uma árvore da infância, quer tirar o hábito e andar nu, quem sabe perto do mar. Doem-lhe as pernas, dói-lhe a coluna e o pescoço – sua mão enrijecida parece conter todo o corpo. Na margem da folha, ele deixa um comentário sobre o seu cansaço, e murmura. Murmura palavras estranhas, que parecem vir de uma voz primitiva e distante – palavras que não estão no pergaminho.

Fadiga, distração, vazio. Leonard Wild, tipógrafo em Veneza, imprime 930 exemplares da Bíblia. O ano é 1478, e ele tem uma encomenda. O papel sai do prelo, o próprio Wild ajuda a preparar os cadernos, cada um com cinco folhas, do Gênesis ao Apocalipse. Eis aí a palavra sagrada: duas colunas de tinta preta, uniformes, sem marca, sem assinatura; à mão, apenas as capitulares, pintadas em vermelho. Vendo as letras assim tão retas, tão iguais, Wild sente um arrepião, uma moleza (quinhentos anos antes, Pi Sheng, o primeiro tipógrafo chinês, também teve a sua vertigem: quando submeteu a uma máquina as lições de Confúcio). Wild retira uma folha do prelo, examina o latim, busca um defeito, uma palavra trocada ou repetida. Por um instante, parece que lhe falta alguma coisa, precipita-se, e tem

¹ Marcílio França Castro é escritor. Entre os livros que publicou, estão *Histórias naturais* (Companhia das Letras, 2016), finalista do Prêmio Rio de Literatura; e *Breve cartografia de lugares sem nenhum interesse* (7 Letras, 2011), vencedor do Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional. Endereço eletrônico: marciliofc@gmail.com

o desejo de avançar sobre o livro, de enfiar suas mãos nele; quer sujá-lo, amassar suas páginas, arranhá-las com as próprias unhas. Só assim se faz um livro de verdade, ele pensa – com as mãos. O pensamento desaparece – um anjo cinza voa sobre as suas costas.



Copiar, ler, copiar. Paris, meados do século 18. Bernard, escondido em um café, lê um tratado roubado, coleciona livros roubados. Lê e rabisca o livro todo, imaginando a caligrafia do autor – sente falta de um manuscrito. São Petersburgo, fim do século 19. Lara, deitada na cama, cheira as páginas de um romance, acha o papel grosso, e o desenho das letras, antiquado. Sente falta de Nádia, que costumava ler para ela antes de dormir. Nova York, meados do século 20. No intervalo da datilografia, Audrey fuma um cigarro, folheia um livro de aventuras, querendo ver as ilustrações – sempre sente falta das ilustrações. Começo do século 21,

São Paulo. Alice, na grama do parque, no metrô, na fila do banco, lê um livro de poemas, lê outro livro de poemas. Rabisca os versos que não gosta, escreve outros no lugar. Sente falta de viajar, sente falta de beber. Sente falta dos volumes xerocados que lia nos tempos do colégio – e que sujavam as suas mãos. São Paulo, 2017. Rita, que chega tarde da gráfica, dorme com um livro na cabeceira, um livro de contos que nunca lê. Sente falta de tempo, sente falta de uma biblioteca. Desliga o abajur, tateia no escuro a capa do volume: acalma-a a ideia de que o livro também envelhece.

Em algum lugar, em qualquer lugar, você abre uma tela, lê estas palavras no computador. Você quer saber o que é verdade, o que foi inventado. Você não conhece o autor, você pesquisa um nome, um lugar. Você é curioso, tem pressa, você se agita, você sai da tela. Você lê tão rápido, é cheio de compromissos, você faz várias coisas de uma só vez. Você lê aos saltos pedaços de frase, seus olhos não param, são puro reflexo, você nunca conclui; você copia uma epígrafe, você imprime uma crônica, você escreve mensagens, você gosta das figuras e das fotos que não aparecem aqui. Você abre e fecha a página, você esquece o que leu, um alerta o atrai, um sinal, você já se foi. Você tenta, mas você não consegue, não sente falta de nada. Sem papel, sem tinta, sem punho, sem voz. Você, tal como eu, já não é nada – mal consegue ter um fígado.